

## CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS: COMPARAÇÃO DA ESCRITA DE ALUNOS BOLIVIANOS E DESCENDENTES DE PRIMEIRA GERAÇÃO COM A DE ALUNOS BRASILEIROS SEM NENHUMA ASCENDÊNCIA HISPÂNICA

Renie Robim  
IFRS

### RESUMO

Este resumo apresenta alguns dos resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre a produção escrita, em português, de alunos de origem boliviana da rede municipal de ensino de São Paulo comparada com a de alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica. A hipótese, elaborada a partir de aproximações e observações prévias, situou as construções verbais com clítico átono sem função de objeto como aquelas que apresentariam diferenças mais substanciais. Elaborou-se uma proposta de produção textual direcionada a focalizar essas construções. A amostra contou com a participação de 100 informantes que produziram 200 textos. Nossa pesquisa se fundamenta em estudos específicos sobre cada uma das duas línguas, geralmente de base gerativa e/ou funcionalista, mas que consideraremos apenas no seu aspecto descritivo, sem vincular nossa investigação a nenhum desses modelos explicativos. Nas análises que realizamos, aparecem como produtivas as construções pronominais em que o clítico não é objeto direto e nem indireto. Dentro dessas construções, duas modalidades apresentaram disparidades entre os dois grupos: (i) a diferença quantitativa na aparição do clítico “se”; e (ii) a diferença de frequência nas ocorrências para 4 verbos em seus usos pronominais com o clítico “me”: “lembrar-se”, “perder-se”, “recordar-se” e “sentir-se”.

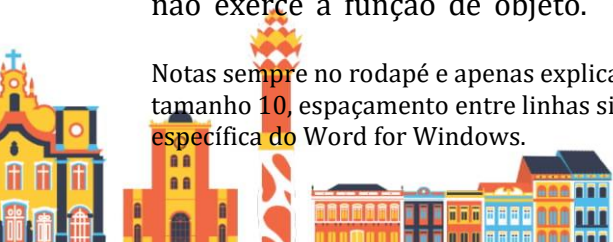
**Palavras-chave:** Imigração boliviana no Brasil, Comparação entre português e espanhol, Construções pronominais, clítico átono sem função de objeto.

### Introdução

Este trabalho decorre da observação da minha prática docente. Nas salas de aula da escola onde eu lecionava em São Paulo, havia um número relevante de alunos de origem boliviana. A partir daí, surgiu uma pergunta de pesquisa: como analisar os fenômenos linguísticos presentes na escrita em português desses estudantes? Decidi examinar alguns fenômenos resultantes do contato do Espanhol (doravante E) com o Português Brasileiro (doravante PB). Muito do que se explana aqui se encontra mais desenvolvido na dissertação do autor do texto (Robim, 2017).

A presença de estudantes de origem boliviana na escola gera fenômenos linguísticos de contato entre o E e o PB. Analisaremos algumas construções que estão em variação no PB e também se diferem na escrita dos estudantes de origem boliviana em comparação com a de estudantes brasileiros.

Nas análises realizadas em um corpus de 200 produções textuais, selecionamos dois tipos de construções pronominais: (i) as não transitivas, (ii) as transitivas em que o clítico não exerce a função de objeto. Os fenômenos observados nessas construções foram: (i) a



diferença quantitativa na aparição do clítico “se” (ii) a diferença de frequência no uso de 4 verbos pronominais, “lembrar-se”, “perder-se”, “recordar-se” e “sentir-se”.

Utilizamos como base teórica: os resultados de estudos comparados entre o PB e o E a partir de referenciais teóricos funcionalistas; os saberes próprios das pesquisas em relação às línguas em contato; aspectos de análises da sociolinguística e, por fim, os resultados de estudos específicos sobre cada uma das duas línguas de base gerativista.

Partimos da hipótese de que nos textos escritos entre os estudantes de origem boliviana haveria: (i) maior ocorrência de construções pronominais em que o clítico não é objeto e (ii) maior quantidade de verbos pronominais, sobretudo com o clítico de terceira pessoa “se”. Ambas se confirmaram.

### **A imigração boliviana no Brasil e sua presença nas escolas de São Paulo**

São Paulo tem recebido um grande número de imigrantes bolivianos. Atualmente, os alunos de origem boliviana são maioria em comparação com os alunos estrangeiros<sup>1</sup>. Portanto, os falantes de espanhol matriculados nas escolas paulistas se caracterizam como uma minoria linguística.

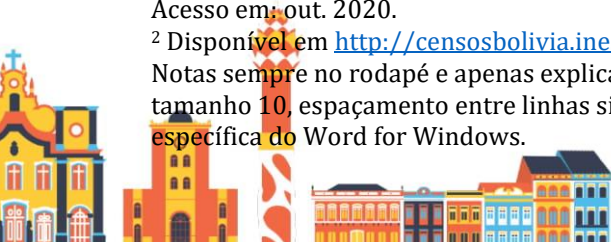
Segundo Niehoff (2014), a segregação socioeconômica que caracteriza os espaços urbanos determina, nesse coletivo imigrante, dois eixos de estratificação social: por um lado, os bolivianos originários de uma classe social relativamente abastada e com formação em nível superior, por outro, em um número muito maior, os bolivianos trabalhadores das indústrias têxteis que vivem, em sua maioria, afastados do centro da cidade e dispendo de pouco tempo para as atividades culturais, sociais e lúdicas. São os filhos desses trabalhadores que estudam nas escolas públicas de São Paulo e cujos registros escritos serão analisados, neste artigo, em comparação com alunos brasileiros sem nenhum tipo de ascendência hispânica.

A imigração boliviana para o Brasil amentou consideravelmente a partir da década de 1980, chegando a ser calculada pelo Consulado boliviano em 250.000 pessoas poucos anos atrás (ROCHA, 2015). O censo de 2012<sup>2</sup> do *Instituto Nacional de Estadística del Estado Plurinacional de Bolivia* mostra o Brasil como terceiro país de maior imigração boliviana, sendo o primeiro a Argentina e o segundo a Espanha.

<sup>1</sup> Dados da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/aumento-de-alunos-estrangeiros-na-rede-aumentou-14-vezes>>. Acesso em: out. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em <http://censosbolivia.ine.gob.bo/webine/index.php>, acesso em set. 2020.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar ferramenta específica do Word for Windows.



Abaixo, apresentamos dados sobre os alunos estrangeiros nas escolas públicas municipais de São Paulo<sup>3</sup>.

**Tabela 1.** Dados dos alunos estrangeiros nas escolas municipais de São Paulo em 2015

<b>Dados dos alunos estrangeiros nas escolas municipais de São Paulo em 2015<sup>4</sup></b>	
População do município de SP	11.253.503 habitantes <sup>5</sup>
Estrangeiros nas escolas municipais de SP	3.772 alunos
Bolivianos nas escolas municipais de SP	2.618 alunos
Total de matrículas na rede municipal de SP	971.028 alunos
Porcentagem de alunos bolivianos em relação aos alunos estrangeiros	69,4%
Porcentagem de alunos bolivianos em relação ao total de matrículas	0,27%

A seguir, apresentamos uma tabela com os dados detalhados da origem de todos os alunos imigrantes matriculados nas escolas da rede municipal de São Paulo.

**Tabela 2.** Matrículas de imigrantes na rede municipal de educação de São Paulo em 2015

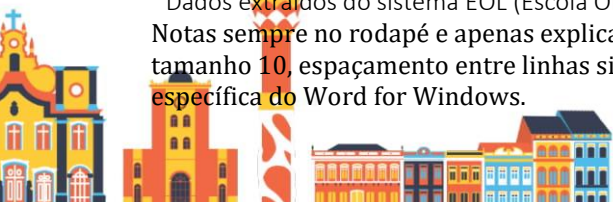
<b>Matrículas de imigrantes na rede municipal de educação de São Paulo em 2015<sup>6</sup></b>					
África do Sul	1	Espanha	42	Martinica	6
Alemanha	3	E.U.A	28	México	7
Angola	90	França	2	Moçambique	7
Argentina	115	Grã-Bretanha	1	Nigéria	21
Bangladesh	1	Guiana Francesa	2	Palestina	1
Bélgica	1	Guiné	3	Paquistão	5
Birmânia	2	Guiné Bissau	9	Paraguai	126
Bolívia	2.618	Haiti	64	Peru	92
Burkina Fasso	1	Honduras	6	Portugal	59
Cabo Verde	8	Índia	1	República Dominicana	4
Camarões	2	Inglaterra	3	Romênia	1
Canadá	2	Iraque	3	São Tomé e Príncipe	1
Chile	11	Irlanda	3	Serra Leoa	1
China	12	Itália	10	Síria	30
Colômbia	41	Japão	241	Suíça	2
Congo	41	Líbano	7	Trinidad e Tobago	1

<sup>3</sup> Segundo o jornal O Estado de S.Paulo de 19 de março de 2017, nos últimos cinco anos, o número de estudantes estrangeiros aumentou 71% na rede municipal (de 2.419 alunos matriculados em 2012 para 4.136 alunos em 2016) e 20% na estadual (de 4.513 em 2012 para 5.429 no ano passado). Já a formação de professores e funcionários das escolas não teve o mesmo incremento.

<sup>4</sup> Dados extraídos do sistema EOL (Escola On-line) em jul. de 2015.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: ago. 2015.

<sup>6</sup> Dados extraídos do sistema EOL (Escola On-line) em jul. de 2015.





Coréia do Sul	3	Líbia	2	Turquia	1
Cuba	3	Malawi	1	Uruguai	5
Egito	2	Marrocos	4	Venezuela	4
Equador	9				

### Metodologia

A pesquisa se fundamentou com base na metodologia descritiva e explicativa. Descritiva: aplicação de testes, questionário e coleta de dados. Explicativa: contribuir com o avanço dos estudos linguísticos entre o E e o PB e apresentar novos resultados nesse campo.

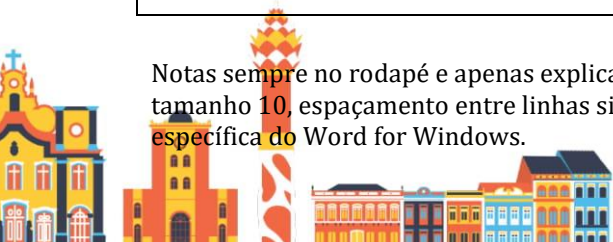
Formamos o corpus com duas produções escritas por alunos de três escolas públicas da rede municipal de ensino de São Paulo: EMEFM “Professor Derville Allegretti”, EMEF “Infante Dom Henrique” e EMEF “João Domingues”. Participaram da pesquisa 50 alunos da comunidade boliviana e 50 alunos brasileiros. Eles produziram 200 textos, sendo 100 produções de cada grupo. Solicitamos que elaborassem uma narração e uma descrição sobre o ambiente escolar e com a amostra definitiva analisamos os textos comparativamente. Todos os informantes tinham entre 11 e 18 anos. Tentou-se o maior equilíbrio possível no que diz respeito à distribuição entre dois níveis de ensino e a faixas etárias. As tabelas a seguir detalham a composição interna das amostras.

**Tabela 3 - Distribuição por nível de escolaridade**

Etapa da escolarização	Bolivianos e descendentes de 1ª geração	Brasileiros sem ascendência hispânica
Ensino Fundamental II	34	28
Ensino Médio	16	22
TOTAL	50	50

**Tabela 4 - Distribuição por faixas etárias**

Etapa da escolarização	Bolivianos e descendentes de 1ª geração	Brasileiros sem ascendência hispânica
11 a 12 anos	15	17
13 a 14 anos	18	12
15 a 16 anos	13	13
17 a 18 anos	4	8



TOTAL	50	50
-------	----	----

Formulamos um enunciado para a narração em que o narrador se projetasse como personagem em um papel temático agentivo, favorecendo, assim, a ocorrência de construções pronominais.

### Fundamentação Teórica

Retomamos alguns estudos sobre as construções pronominais em que o clítico não é objeto direto e nem indireto. Esse tipo de construção apareceu em maior número nos textos dos alunos de origem boliviana. Os verbos que demonstraram diferença de frequência entre os dois grupos foram: “lembrar-se”, “perder-se”, “recordar-se” e “sentir-se”.

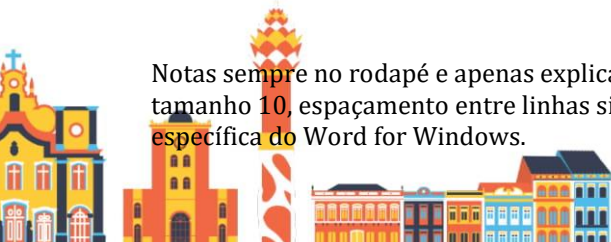
Segundo Mendikoetxea (1999, p.1578), no E, mas igualmente possível para outras línguas como o PB, os verbos podem apresentar a seguinte classificação aspectual: atividades ou processos que não fazem referência ao ponto final da eventualidade (rir, chorar, nadar). Os verbos pronominais “perder-se” e “sentir-se” se definem dessa maneira, pois são verbos intransitivos que não referenciam o final do processo, possuem um único argumento e os sujeitos não são agentivos.

Os verbos pronominais “lembrar-se” e “recordar-se”, por sua vez, são transitivos e possuem dois argumentos. Porém, o clítico não é objeto. A presença desse clítico representa o ponto de tensão entre o E e o PB. Segundo, Mendikoetxea (1999, p. 1580):

*Las gramáticas se han referido a verbos como **romper** en su uso inacusativo como “verbos pronominales” en cuanto que se construyen con **se** [...] muchos de los verbos que aparecen en construcciones inacusativas entran dentro de la clase de los verbos pronominales (romperse, secarse, agrietarse)[...](Destaques da autora)*

O uso do clítico “se” causa um ponto de assimetria entre o E e o PB. Segundo González (2008), vários estudos mostram que o uso deste “se” no PB vem se perdendo, enquanto no E, o uso do clítico tende a se manter.

Os verbos “perder-se” e “sentir-se”, nas análises das ocorrências, apresentaram um comportamento inacusativo. Já os verbos “lembrar-se” e “recordar-se” apresentaram clíticos que não são objetos diretos e nem indiretos. Retomaremos alguns aspectos teóricos a respeito da intransitividade que desencadearão nas teorias sobre a inacusatividade, a (in)ergatividade, e também sobre as construções pronominais em que o crítico não é objeto.



Correa (2010, p.177): “*las construcciones verbales inacusativas son más numerosas en español que en PB y tienen como característica (aunque hay excepciones) el empleo del clítico, lo que diferencia la estructura de esas construcciones entre el PB y el español*”. Dessa maneira, como explica o autor, em PB, as construções inacusativas tendem a prescindir do uso do clítico. Portanto, enunciados como: *se apagó la luz* tendem a ser formulados em PB sem o pronome “se”: a luz apagou.

Em outra pesquisa realizada por Pereira (2006), em seu estudo sobre as diferenças do uso dos clíticos no PB e no Português Europeu, ela conclui que os falantes de PB contemporâneo realizam um número reduzido de itens clíticos. Esse fenômeno demonstra que o PB tem se diferenciado de outras línguas de origem românica pela constante perda e apagamento de clíticos.

No E, entretanto, esse fenômeno não ocorre. González (2008) e Fanjul (2014) apontam três diferenças entre essas duas línguas no âmbito das ocorrências do clítico “se”:

(i) Formas reflexivas têm a possibilidade de aparecer sem clíticos no PB, enquanto que no E essa possibilidade não ocorre:

- ( 1 ) Ela (se) vê a si mesma no espelho
- ( 2 ) Se ve (a sí misma) en el espejo

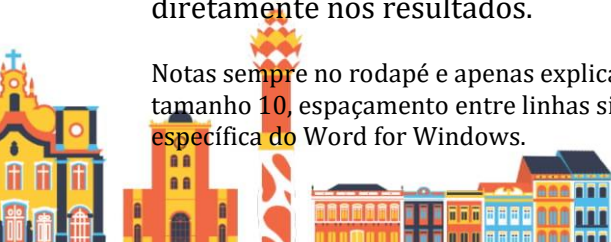
(ii) Diferenças nas construções inacusativas com verbos que participam da “alternância causativa”:

- ( 1 ) A corrente (se) rompeu
- ( 2 ) La cadena se rompió

(iii) Em E, construções do tipo (ii) podem aparecer com participante humano não ativo afetado pelo processo representado por um dativo. Em PB, esse participante pode ocorrer somente como possessivo ou sintagma preposicionado com “de”:

- ( 1 ) Nossa cerveja/A cerveja da gente congelou
- ( 2 ) Se nos congeló la cerveza

Os casos exemplificados demonstram uma diferença relevante entre o E e o PB. Na escrita, em virtude da pressão e da força do ensino de gramática normativa na escola, aliada com o monitoramento natural dessa modalidade de expressão, é possível que haja maior ocorrência de clíticos nos textos escritos em comparação com a fala livre e espontânea. Mas ainda assim, podemos afirmar que esse fenômeno da perda e do apagamento dos clíticos também ocorre na modalidade escrita. No nosso caso, a modalidade escrita influenciou diretamente nos resultados.





## Resultados

A seguir, apresentamos a transcrição das construções em que o clítico “se” não é objeto direto e nem indireto entre os dois grupos pesquisados. A transcrição está no original. A letra “a” se refere aos alunos de origem boliviana e a letra “b” aos alunos brasileiros

### Entre os alunos bolivianos e descendentes de primeira geração que será representado pela letra “a” após o número:

- 1a. [...] e nos assistimos um filme sobre Kiricul que *se* tratava de criança pequena [...]
- 2a. Quando *se* passaram 3 dias [...]
- 3a [...] e aparece um menino correndo feito um Maluco ele derrubou a professora e acabou *se* ferindo forte.
- 4a [...] tinha uma das minhas amigas que *se* chamava Minerva [...]
- 5a [...] mas *se* passaram dois anos [...]
- 6a [...] e ela *se* mudou de escola de casa [...]
- 7a [...] minha melhor amiga *se* foi [...]
- 8a [...] ela *se* chama jessica.
- 9a [...] às vezes brigamos, mas a gente sempre *se* acerta no final.
- 10a [...] tanto tempo também que já *se* passou.
- 11a [...] pois meus pais *se* esforçam para dar de tudo para mim.
- 12a [...] e o box onde *se* toma banho
- 13a [...] e *se* notava que era uma grande escola.
- 14a [...] ele *se* chamava Rafael.
- 15a [...] Os alunos não *se* importavam muito com a lição dada pelos professores
- 16a [...] Praticamente não *se* aprendia nada por causa dos alunos pela atitude infantil
- 17a [...] todos *se* levam bem na escola

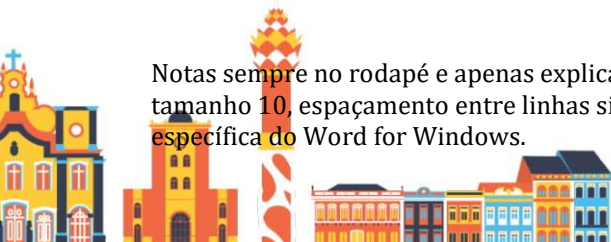
### Entre os alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica que será representado pela letra “b” após o número:

- 1b um menino que *se* chama Vinicius
- 2b ele *se* chama Adalberto
- 3b [...] e quando elas não estão lá, a sala *se* torna minha
- 4b [...] em minha casa encontram-*se* 7 cômodos
- 5b [...] o Brasil está tentando ser algo oque ele não é, *se* baseando no sistema de ensino do Canadá
- 6b Mas depois fiquei um pouco decepcionada ao perceber que tem muitas responsabilidades e *se* acostumar com os novos colegas de classe.
- 7b Minha casa *se* encontra no Jardim Antártica Z/N
- 8b [...] Todos muito profissionais e alguns que, atualmente, já *se* aposentaram.
- 9b [...] Quando passei no ensino médio era de *se* esperar que muita coisa muda-se.

## Comparação quantitativa entre os dois grupos

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, sempre a ferramenta específica do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
contato@xicongressohispanistas.com.br



A taxa de ocorrência de construções pronominais em que o clítico não é objeto direto nem indireto entre os alunos da comunidade boliviana foi, significativamente, maior conforme mostra a tabela.

**Tabela 5.** Quantidade de construções pronominais nos dados da amostra

<b>Construções com clítico “se”</b>	Bolivianos e descendentes de primeira geração	Brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica	<b>Total</b>
ocorrências	17	9	26
percentuais	65%	35%	100%

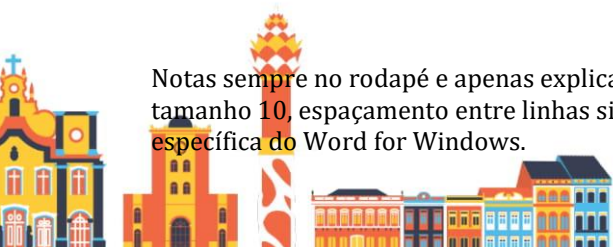
Os alunos de origem boliviana utilizaram mais verbos pronominais com o clítico “se” em comparação aos alunos brasileiros (quase o dobro) e uma gama maior de lexemas verbais pronominalizados pelo mesmo clítico (quase o dobro também). Isso evidencia a tendência a pronominalizar os verbos com o clítico “se” nas construções pronominais em que o clítico não é objeto. Em E, a maioria dessas construções verbais não pode ser realizada com a ausência do clítico. Este fenômeno revela traços do E na sintaxe do PB na escrita desses informantes.

A seguir, apresentamos uma tabela da quantidade de verbos pronominalizados pelos clíticos “se” nos dados da amostra.

**Tabela 6.** Quantidade de verbos pronominalizados pelos clíticos “se” nos dados da amostra

<b>Construção com clítico “se”</b>	Bolivianos e descendentes de primeira geração	Brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica	<b>Total</b>
ocorrências	15	8	23
percentuais	65%	35%	100%

A análise da tabela indica que a ocorrência do clítico “se” acontece em maior escala entre os alunos de origem boliviana. Eles tendem a usar o clítico “se” em uma gama maior de lexemas verbais do que os alunos brasileiros. Uma possível explicação se dá pelo fato de terem contato com o E nos espaços comunitários. No E o uso desse clítico tende a se manter, é muito mais expandido e suas ocorrências são mais frequentes do que em PB





### O uso do clítico “me”

Os verbos “lembrar-se”, “recordar-se”, “perder-se” e “sentir-se” a apresentassem uma significativa diferença de frequência nas produções textuais dos dois grupos investigados conforme mostra a tabela a seguir. Levaremos em consideração também as ocorrências com o clítico “me” para as próximas análises. Propomos uma explicação dos motivos que levaram a este fenômeno.

**Tabela 7.** Quantidade de ocorrências dos verbos “lembrar-se”, “perder-se”, “recordar-se” e “sentir-se” nos dados da amostra

Construções com os verbos	Ocorrências nos textos de estudantes bolivianos e descendentes de primeira geração	Ocorrência nos textos de alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica
lembrar-se	4	2
perder-se	5	0
recordar-se	3	0
sentir-se	2	12

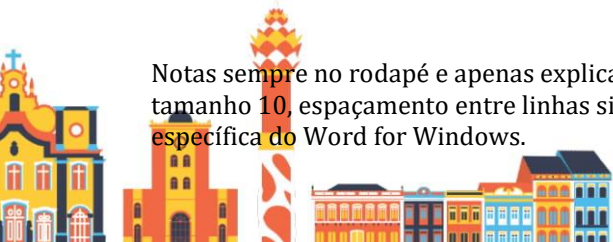
### Discussão

A partir das análises dos verbos pronominais, precisamos levar em conta as discussões teóricas acerca das vozes verbais. Para tanto, entrelaçaremos ideias desenvolvidas por Bagno (2012), Castilho (2010) e Correa (2010).

De acordo com as teorias gramaticais, a voz verbal no PB pode ser classificada em quatro tipos: a voz ativa, a voz passiva, a voz reflexiva e a voz média. Segundo Castilho (2010, p.436):

A voz verbal assinala o tipo de participação do sujeito sentencial no estado de coisas. Se ele for agente, teremos a voz ativa, se for paciente, teremos a voz passiva e se for ao mesmo tempo agente e paciente, teremos a voz reflexiva.

Como se percebe acima, o autor não se refere à voz média. Para tanto, usaremos como aporte teórico algumas considerações de Bagno, que desenvolveu estudos e pesquisas sobre o tema. Segundo Azeredo (2008, p.278 apud Bagno, 2012, p.584) a voz média é uma “designação que tem a vantagem de caracterizar a construção pronominal como um meio



termo entre a voz ativa e a voz passiva”. Bagno identifica e associa a voz média com as ocorrências dos verbos pseudorreflexivos.

Bagno (2012, p.585) apresenta dois exemplos para ilustrar essas definições:

- 1 a. O pessoal se incomodou.
- 2 a. O homem se alimenta.
- 1 b. \*O pessoal se incomodou a si mesmo.
- 2 b. O homem se alimenta a si mesmo.

No exemplo 1a, não faria sentido afirmar que se trata de uma construção reflexiva porque, aplicando-se o teste de agregar o adjunto “a si mesmo”, como no exemplo 1b, o enunciado se tornaria agramatical. Portanto, a construção 1a pode ser designada como tendo seu verbo na voz média com o clítico “se” pseudorreflexivo. Já o exemplo 2a é uma típica construção com verbo na voz reflexiva, pois o sujeito acumula o papel semântico de agente e paciente.

Correa (2009, p.127) compara as ocorrências de construções na voz média entre o E e o PB, afirmando que esse tipo de construção é muito mais recorrente em E do que em PB:

*Las construcciones en esta voz se ubican a medio camino entre las construcciones activas y la pasiva porque presentan un contenido pasivo, lo que las asocia semánticamente a la voz pasiva y, a la vez, presentan una forma verbal activa, lo que las asocia, en términos sintácticos, a la voz activa.*

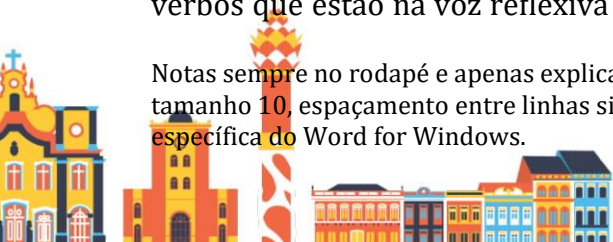
*Con respecto al PB [...] lo que se observa es que la voz media no se presenta como un recurso productivo en la sintaxis, pues estas tienden a expresar los contenidos en juego por medios de construcciones eminentemente no-verbales, cuyo núcleo es un nominal (adjetivo o participio) con función de atributo. Eso puede significar que esos contenidos se entienden en la gramática del PB como estados, a diferencia de lo que sucede en español.*

Nas nossas análises, também caracterizarmos os verbos “lembrar-se”, “perder-se”, “recordar-se” e “sentir-se” como pseudorreflexivos já que o sujeito dos verbos nas construções destacadas no *corpus* não são, ao mesmo tempo, agente e paciente da oração. Sobre esses tipos de verbos, Bechara (1999, p.223 apud BAGNO, 2012, p.583) afirma que “não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada”.

Em relação à voz reflexiva, Bagno (2012, p.580-3) afirma o seguinte:

A voz do verbo (também chamada de diátese) é a propriedade que nos informa sobre a relação entre o estado de coisas referido e os participantes do que é relatado [...]. Além da ativa e da passiva, também existe a voz reflexiva, isto é, aquela em que o sujeito/agente e o objeto/paciente coincidem. O que caracteriza a voz reflexiva é a presença dos clíticos no caso oblíquo: me, te, se, nos.

Quando se refere à voz reflexiva, o autor salienta que se deve fazer a distinção entre os verbos que estão na voz reflexiva dos verbos que apresentam o clítico em que o sujeito não é,



ao mesmo tempo, agente e paciente da oração. Na tradição gramatical da língua portuguesa, esses verbos são chamados de “verbos pronominais”. No entanto, o autor sugere a definição de “verbos pseudorreflexivos”. Alguns verbos que Bagno considera como pseudorreflexivo são: “atrever-se”, “arrepender-se”, “comportar-se”, “despedir-se”, “orgulhar-se”, “indignar-se”, “ufanar-se”, “admirar-se”, “sair-se” (bem ou mal), entre outros.

### As peculiaridades dos verbos “lembrar-se” e “recordar-se”

A seguir, apresentamos a transcrição das construções com os verbos “lembrar-se” e “recordar-se”. A transcrição está no original. A letra “a” se refere aos alunos de origem boliviana e a letra “b” aos alunos brasileiros

#### Entre os alunos bolivianos e descendentes de primeira geração que será representado pela letra “a” após o número:

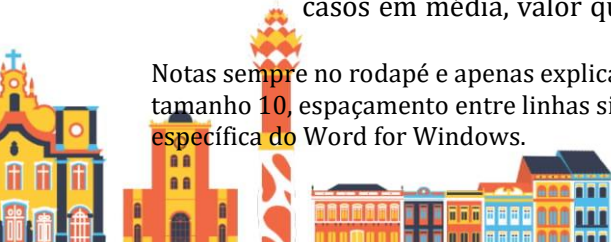
1. a **me** lembrando de tudo para não esquecer [...]
2. a eu **me** lembro que quando ia o primeiro dia de aula [...]
- 3.a) [...] o melhor fato marcante que aconteceu que **me** lembro até hoje que quando eu entre ela veio até minha mesa [...]
- 4.a Bom nem **me** lembro como foi a última semana no Derville
- 5.a [...] **me** recordo do nome dela que era Geralda.
- 6.a [...] Não **me** recordo tanto no início das aulas no fundamental II
- 7.a [...] Lembrando que citei acima só os itens básicos e os que **me** recordo em casa

#### Entre os alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica que será representado pela letra “b” após o número:

- 8.b [...] A minha primeira semana na escola eu não **me** lembro muito
- 9.b) [...] lembro-**me** daquele dia

É notável que a frequência do uso do clítico é mais recorrente nas construções realizadas pelos alunos de origem boliviana. Apresentamos algumas explicações para a ocorrência desse fenômeno. Em relação ao verbo “lembrar-se” (mas que também pode ser estendível ao verbo “recordar-se”), Castilho (2010, p.482) apresenta a seguinte análise:

Assim desidratados, os reflexivos deram de desaparecer nas expressões em PB em que seriam esperados. O fenômeno ocorre também no português falado (...) em que a manutenção do reflexivo com os verbos “lembrar-se” e “levantar-se” ocorre em apenas 37% dos casos, contra sua não-ocorrência em 63% dos casos. Particularmente com referência ao *se* Nunes (1995) constatou que no português ele desaparece em 52% dos casos em média, valor que é afetado pela escolaridade dos falantes: primeiro grau (65%),





segundo grau (57%) e ensino superior (32%).

A análise de Castilho (2010) propõe algumas explicações dos motivos pelos quais os falantes de PB acabam não realizando o clítico pseudorreflexivo “se” com o verbo “lembrar”, mas que também se aplica ao clítico “me” nesse caso específico.

Nos verbos pseudorreflexivos: “não se percebe mais a ação rigorosamente reflexa, mas a indicação de que a pessoa a que o verbo se refere está vivamente afetada.” (Bechara,1999, p.223 apud Bagno, 2012, p.583). “A voz média é precisamente aquela em que os verbos são pseudorreflexivos, verbos em que o clítico oblíquo não exerce função sintática alguma, sendo mero elemento de realce da afetividade” Bagno (2012, p.584). O autor dá como exemplo os seguintes verbos: “queixar-se”, “arrepender-se”, “atrever-se”.

No E, de modo geral, os pronomes clíticos são frequentemente mais utilizados do que no PB. No que tange ao verbo “lembrar-se”, a tradução mais recorrente para o E seria o verbo *acordarse*, cuja combinação com o clítico é predominantemente utilizada pelos falantes dessa língua. Já o verbo recordar, tanto em E quanto em PB, pode ser expresso sem o pronome clítico.

A propósito da perda desse clítico em relação a algumas construções com o verbo “lembrar”, Bagno (2012, p.592) afirma que: “Como o clítico ‘me’ na nova construção não tem função sintática, é um pronome de realce, ele pode ser dispensado sem maior prejuízo para a interpretação afetiva do enunciado”. O autor apresenta como exemplo a seguinte oração, construída sem o clítico.

(1) Vamos lembrar um pouco das planícies

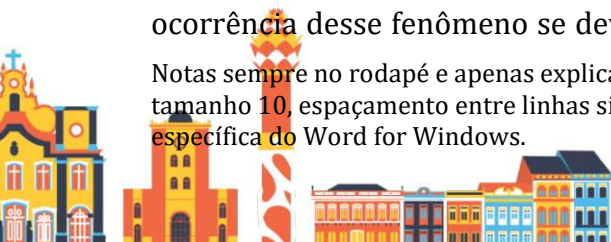
Nas ocorrências com os verbos “lembra-se” e “recordar-se”, o clítico, em muitos casos, não é realizado. Nas produções textuais dos informantes de origem boliviana, ora esses verbos aparecem pronominalizados, ora não. Tomemos alguns exemplos.

(2) [...] eu lembro que no ensino fundamental II (realização da construção sem o clítico)

(3) [...] Bom nem **me** lembro como foi a última semana no Derville (realização da construção com o clítico)

Em relação ao verbo “recordar-se”, não ocorreu nenhuma realização com a explicitação do clítico nas produções textuais dos alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica. Nos textos dos alunos bolivianos e descendentes de primeira geração, todas as 3 ocorrências apareceram pronominalizadas pelo clítico “me”. Podemos, mais uma vez, sugerir que a ocorrência desse fenômeno se deve ao contato que esses informantes têm com o E, visto que,

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar ferramenta específica do Word for Windows.



nessa língua, a presença do clítico é quase sempre obrigatória. No PB, a ocorrência do clítico é opcional, não sendo realizada em muitos casos.

### As peculiaridades dos verbos “perder-se” e “sentir-se”

Houve uma diferença de frequência dos verbos “sentir-se” e “perder-se” (pronominalizados com o clítico “me”) entre os dois grupos. A seguir, destacamos todas as construções que ocorreram com esses verbos.

As 5 construções com o verbo “perder-se” que ocorreram entre os alunos de origem boliviana (sinalizados pela letra “a”) foram:

- 1a - [...] e não tive problemas em **me** perder nas salas de aula.
- 2a - [...] e eu acabei **me** perdendo [...]
- 3a - [...] **me** perdi várias vezes.
- 4a - [...] eu **me** perdia pra encontrar as salas de aula
- 5a - [...] só não **me** perdia quando eu andava com meu amigo

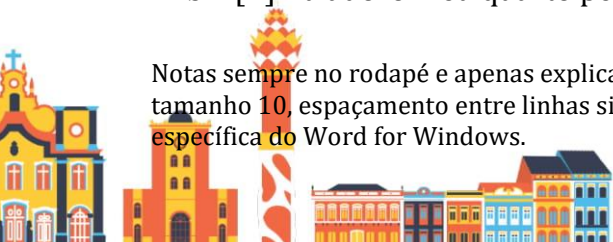
Não houve ocorrências com este verbo entre os estudantes brasileiros.

As 2 construções que ocorreram entre os alunos de origem boliviana com o verbo “sentir-se” (sinalizados pela letra “a”) foram:

- 6a - [...] A transição de salas fazia eu **me** sentir como se estivesse no ensino médio
- 7a - [...] **me** sinto muito bem nela

Destacaremos agora as 12 construções com o verbo “sentir-se” que ocorreram entre os informantes brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica (sinalizados pela letra “b”). Mantivemos a transcrição do original.

- 1b - [...] No dia que entrei **me** senti muito bem
- 2b - [...] Quando cheguei na escola **me** senti perdida
- 3b - [...] Quando **me** senti estabilizada, percebi que não estava tanto assim
- 4b - [...] Na minha casa eu sempre morei nela, eu posso **me** sentir mais eu
- 5b - [...] O lugar que melhor **me** sinto e no quarto
- 6b - [...] Não tem um lugar que eu não goste, **me** sinto bem em todos.
- 7b - [...] lá é onde **me** sinto mais a vontade
- 8b - [...] No primeiro dia de aula **me** senti surpresa e feliz
- 9b - [...] Assim que pude conhecer os professores, **me** senti muito bem acolhida.
- 10b - [...] **me** senti muito bem...
- 11b - [...] Em minha casa a parte que mais gosto é meu quarto, pelo fato de **me** sentir mais confortável nesse espaço.
- 12b - [...] Eu adoro meu quarto pelo fato de **me** sentir mais à vontade.



Nas construções com esses verbos, percebemos que o participante humano que exerce o papel de sujeito sintático não controla o evento o que indica um caráter ergativo. Além disso, dentro dessas construções, os verbos “sentir-se” e “perder-se” designam mudança de estado.

Em um trabalho anterior Robim e Fanjul (2020), verificamos que algumas das construções entre os estudantes brasileiros são atributivas. Nas ocorrências de “sentir” + “me”, a sequência verbo-pronominal é especificada por um particípio “perdida”, “estabilizada”, “surpresa”. Essas construções também poderiam ser expressas por uma construção com núcleo verbal (2b) “me perdi”, (3b) “me estabilizei”, ou (8b) “me surpreendi”.

Isso indica que os estudantes de origem boliviana tendem a enunciar a partir de construções com núcleo verbal, (3a) “me perdi”, (4a) “me perdia” e os estudantes brasileiros com construções atributivas. Correa (2009, p.122), ao fazer buscas no *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), afirma que o E “apresenta uma preferência pelo emprego de construções de núcleo verbal para a representação de eventos de mudança de estado”

Neste sentido, comprovamos que existe na escrita de estudantes de origem boliviana a permanência de uma tendência sintática do E, principalmente nas construções com núcleo verbal com uso do clítico. Embora essas construções também existam em PB, elas não são predominantes no corpus analisado.

### Considerações finais

Os alunos de origem boliviana escrevem em PB de forma semelhante aos estudantes brasileiros da mesma idade que não tenham contato com o E. Porém, há diferenças sutis na sintaxe entre os dois grupos. As principais diferenças se dão: (i) nas construções verbais pronominais em que o clítico “se” não é objeto, havendo predominância dessas construções entre os alunos da comunidade boliviana e (ii) nas ocorrências de construções atributivas ou de núcleo verbal, havendo predominância da primeira entre os alunos brasileiros e da segunda entre os de origem boliviana.

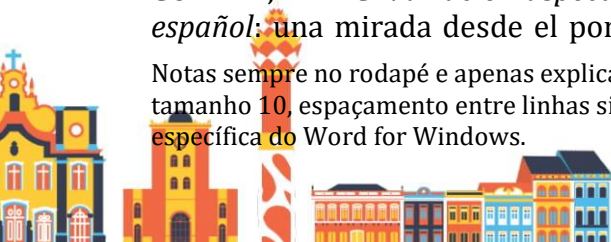
### Referências

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CORREA, A. P. C. *Variación aspectual y sintáctica en las construcciones de cambio de estado en español: una mirada desde el portugués*. Cadernos de Letras da UFF, Niterói, n. 41, 2010, p.

Notas sempre no rodapé e apenas explicativas (nunca com referências bibliográficas), com fonte Cambria, tamanho 10, espaçamento entre linhas simples. Não usar notas de rodapé manuais, empregar o elemento específico do Word for Windows.

[www.xicongressohispanistas.com.br](http://www.xicongressohispanistas.com.br)  
contato@xicongressohispanistas.com.br





\_\_\_\_\_ *Estructuras atributivas de interlengua y la organización sintáctica del portugués y del español*. In: *Signo & Seña. Revista del Instituto de Lingüística*. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires: n. 20, 2009, p.115-32.

FANJUL, A. P. Conhecendo assimetrias: a ocorrência de pronomes pessoais. In: FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (orgs.). *Espanhol e Português Brasileiro: estudos comparados*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 29-50.

GONZÁLEZ, N. M. *Portugués brasileño y español: lenguas inversamente asimétricas*. In: CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. M. In: *Signos Ele*, Buenos Aires, n.2, p.1-7, 2008. Disponível em: <https://p3.usal.edu.ar/index.php/ele>. Acesso em: ago. 2020.

MENDIKOETXEA, A. Construcciones inacusativas y pasivas. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (eds.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 2, Madrid: Espasa, 1999.

NIEHOFF, S. *Bolivians Immigrants in São Paulo. A sociolinguistic study of language contact in the city*. Berlim, 2014. 278p Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de Berlim, Berlim, 2014. Disponível em: [https://refubium.fuberlin.de/bitstream/handle/fub188/7671/Niehoff\\_Bolivian\\_immigrants\\_Sao\\_Paulo.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://refubium.fuberlin.de/bitstream/handle/fub188/7671/Niehoff_Bolivian_immigrants_Sao_Paulo.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: set. 2020.

PEREIRA, A. L. D. *Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da Morfologia Distribuída*. 2006, 215p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30369927.pdf>. Acesso em out. 2020.

ROCHA, J. *Da flor dos Andes a qhathu no Pari: Memórias discursivas e deslocamentos na Feira Kantuta*. 2015, 122p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06082015-103616/pt-br.php>. Acesso em: ago. 2020.

ROBIM, R. *Construções pronominais e verbos existenciais: comparação da escrita de alunos bolivianos e descendentes de primeira geração com a de alunos brasileiros sem nenhuma ascendência hispânica*. 2017, 153p. Dissertação (mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-02022018-112004/pt-br.php>. Acesso out. 2020.

ROBIM, R.; FANJUL, A. P. *Construções verbais com pronome clítico na escrita em português de estudantes de origem boliviana. Aspectos sintáticos e discursivos*. Caderno de Letras UFPEL, Pelotas, n.36, 2020, p. 325-344. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/17190/11475> Acesso em: out.2020.

